

Artigo Original**Hipólito José da Costa, Patrono da Imprensa Brasileira: Um dos Bustos da Aleia dos Gênios do CEAEC**

Hipólito José da Costa, Patron of the Brazilian Press: One of the Busts on CEAEC'S Geniuses Alley

Hipólito José da Costa, Patrono de la Prensa Brasileira: Uno de los Bustos de la Aldea de los Genios del CEAEC

Eucárdio de Rosso*

* Jornalista. Voluntário da Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC) e da Associação Internacional de Enciclopediologia Conscienciológica (*Encyclossapiens*).

eucardioid@gmail.com

Palavras-chave

Biografia
Exemplarismo
Independência
Jornal

Keywords

Biography
Exemplarism
Independence
Newspaper

Palabras-clave

Biografía
Diario
Ejemplarismo
Independencia

Resumo:

Este artigo visa revisitar e revalorizar a história do brasileiro Hipólito da Costa, um dos baluartes da Independência do Brasil, cujo busto foi selecionado para compor a aleia dos gênios d Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC). Embora pouco conhecido, Hipólito da Costa foi o responsável pela publicação mensal do jornal *Correio Braziliense*, em Londres, de 1808 a 1822, considerado, atualmente (Ano-base: 2014), o primeiro jornal brasileiro publicado. Para o desenvolvimento da pesquisa, o autor utilizou algumas biografias de Hipólito da Costa, mas, principalmente, a coleção do jornal *Correio Braziliense*, publicada em 31 volumes pela Imprensa Oficial de São Paulo, em 2001, sob a coordenação de Alberto Dines, na qual consta fac-símile de todas as 175 edições do jornal.

Abstract:

This article seeks to revisit and to revalue the history of the Brazilian Hipólito da Costa, one of the bastions of the Independence of Brazil, whose bust was selected to compose the geniuses' alleyway of the Center of High Studies of Conscienciology (CEAEC). Although little known, Hipólito da Costa was responsible for the newspaper *Correio Braziliense's* monthly publication, in London, from 1808 to 1822, considered, presently (Base-year: 2014), the first published Brazilian newspaper. For the development of this research, the author used a few of Hipólito da Costa biographies, but, mainly, the newspaper *Correio Braziliense's* collection, published in 31 volumes by the Official Press of São Paulo, in 2001, under Alberto Dines' coordination, which consist o facsimile of all the 175 editions of the newspaper.

Resumen:

Este artículo objetiva revisitar y revalorizar la historia del brasileiro Hipólito de la Costa, uno de los baluartes de la Independencia de Brasil, cuyo busto fue seleccionado para componer la aldea de los genios del Centro de Altos Estudios de la Concienciología (CEAEC). Aunque poco conocido, Hipólito da Costa fue el responsable por la publicación mensual del diario *Correio Braziliense*, en Londres, de 1808 a 1822, considerado, actualmente (Año-base: 2014), el primer diario brasileiro publicado. Para el desarrollo de esta investigación, el autor utilizó algunas biografías de Hipólito da Costa, y principalmente, la colección del diario *Correio Braziliense*, publicado en 31 volúmenes por la Prensa Oficial de São Paulo, en 2001, con la coordinación de Alberto Dines, en la cual consta un facsímil de las 175 ediciones del diario.

Artigo recebido em: 29.06.2013.

Aprovado para publicação em: 15.08.2014.

INTRODUÇÃO

Objetivo. Este texto tem por objetivo trazer ao conhecimento do público leitor a vida e obra de Hipólito da Costa (1774–1823), pouco conhecidas e mesmo divulgadas pela história e somente publicadas pelo esforço de investigação inicial de Carlos Rizzini (1921–1992), autor de uma das obras biográficas de Hipólito (RIZZINI, 1957), a partir da edição de reportagens feitas na década de 1950 na revista semanal denominada *Cruzeiro* (que circulou no Brasil de 1928 a 1975).

Reconhecimento. Considerado um polemista inovador, essa reabilitação visa dar valor a um dos principais atores da Independência do Brasil, o qual foi selecionado para ter o seu busto inserido na Aleia dos Gênios da Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC) em Foz do Iguaçu, PR.

Metodologia. O trabalho foi organizado através de uma pesquisa biobibliográfica, na consulta à coleção de jornais impressa em *fac-símile* pela Imprensa Oficial de São Paulo de toda a edição original do *Correio Braziliense*, e na pesquisa de matérias relacionadas ao tema, publicadas nessa coleção.

Estrutura. O texto está organizado em três seções: Biografia. Materpensene Universalista e Correio Braziliense.

I. BIOGRAFIA

Motivação. O autor teve conhecimento da personalidade de Hipólito da Costa, na Faculdade de Jornalismo, quando foi relatada a publicação do *Correio Braziliense*, em Londres. Mas o que determinou o maior interesse foi o lançamento de sua biografia (BENTO, 2005) e a decretação do título de Patrono da Imprensa Brasileira em 1999. A motivação para a pesquisa foi cancelada quando o autor levou o nome do jornalista para ser colocado na Aleia dos Gênios do CEAEC.

Sincronicidades. Além da descoberta do perfil universalista, empreendedor e libertário do biografado, há sincronicidades entre o autor e o destacado, a exemplo do fato de ambos serem jornalistas, terem cultura apoiada em estudos clássicos em Latim e Grego, conhecimentos de agricultura, livros escritos, a procedência (ressoma) no sul do Brasil e o espírito tenaz de resistência por suas ideias. Esta última característica demonstrada em sua luta pela independência e pela assistência aos outros.

Traços. O conjunto desses fatores foi importante para o estudo da personalidade de Hipólito, que, embora sendo seu pai, militar do Império envolvido em atividades belicistas, na defesa de sua terra na Colônia do Sacramento, o jornalista sempre se destacou pela intelectualidade e pelo pacifismo, traços também autorreconhecidos no autor.

Nascimento. Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça nasceu na Colônia do Sacramento (na época, pertencente a Portugal) em 13 de agosto de 1774, filho de um alferes brasileiro que servia na Armada portuguesa. Foi educado pelo padre e doutor Pedro Pereira F. Mesquita em Latim e Grego e, igualmente, pelo seu tio, o padre Felício.

Fuga. Em 1777, ao ser retomada a Colônia do Sacramento pelos espanhóis, e após o Tratado de Madri em 1750, o pai de Hipólito teve que deixar a Colônia e seguir com a família para o Rio Grande do Sul, onde vivem até a adolescência em Pelotas e Rio Grande, RS, estudando depois em Porto Alegre, até os 18 anos.

Portugal. Em 1792, Hipólito foi mandado a Portugal, onde estudou Leis, Filosofia, Matemática e Agronomia, na Universidade de Lisboa, dedicando-se ainda à Geografia, História e Letras, sendo considerado pelo historiador Cláudio Moreira Bento (1931–), um dos primeiros enciclopedistas brasileiros.

Diplomata. De Lisboa, foi encaminhado aos Estados Unidos e México, em 1798, pela Coroa portuguesa, na condição de servidor público e diplomata, onde ficou por vinte meses para desenvolver estudos sobre agricultura.

Inglaterra. Ao retornar a Portugal, em 1802, depois de permanecer em Paris e Londres, onde fora mandado para comprar livros para bibliotecas e máquinas de impressão, teve sua prisão requerida por suas ideias libertárias e por pertencer à maçonaria, tendo ficado recluso por quase quatro anos. Fugiu para a Inglaterra em 1805, protegido por amigos reais ingleses, especialmente o Duque de Sussex (1773–1843), filho do rei britânico Jorge III (1738–1920).

Adaptação. Após a sua chegada à Inglaterra, obteve o direito à nacionalidade britânica e instalou-se em Londres, onde, para sobreviver, trabalhou ministrando aulas de português e iniciou sua luta pela independência do Brasil.

Imprensa. Em primeiro de junho de 1808, fundou o *Correio Braziliense* ou *Armazém Literário*, considerado o primeiro jornal brasileiro pró-libertação da Colônia, embora publicado no exterior. Proibido pela Coroa, o jornal era despachado clandestinamente ao Brasil por via marítima e serviu de grande ajuda aos independentes. Tal jornal circulou até 1822.

Casamento. Consta que Hipólito teve um filho com uma brasileira, em data desconhecida, na juventude, e casou com a inglesa Mary Ann Troughton (S/D), oficialmente, em 1810, com ela tendo quatro filhos e vasta descendência, espalhada pelo Brasil e Inglaterra.

Dessoma. Faleceu em 11 de setembro de 1823, na Inglaterra, acometido por infecção intestinal, rápida e traiçoeira, sem ter retornado ao Brasil depois que este se tornou independente de Portugal.

Independência. Hipólito foi nomeado Cônsul brasileiro na Inglaterra em 1823, pelo Imperador D. Pedro I (1798–1834), por ser considerado “um homem cujos serviços à causa do Brasil foram tão úteis e apreciáveis”, porém, não teve tempo de assumir o cargo, pois dessorou antes disso.

Patrono. Foi escolhido patrono da Imprensa Brasileira, por indicação da Associação Rio-grandense de Imprensa do Rio Grande do Sul (ARI), através da Lei Estadual 9.831, de 13 de setembro de 1999.

Comemoração. O Dia da Imprensa passou a ser comemorado em primeiro de junho, data de lançamento do número inicial do jornal *Correio Braziliense*, em Londres.

Traslado. Seus restos mortais foram trasladados para o Brasil, estando sepultados nos Jardins do Museu de Imprensa Nacional, em Brasília, a partir de 2001.

Enciclopedista. Além do jornal, que contou 175 edições, Hipólito escreveu livros, entre eles o *Diário de Minha Viagem a Filadélfia* (1798), *Descrição da Árvore Açucareira* (1800), *Narrativa de Perseguição* (1811) e uma *Gramática Inglesa e Portuguesa*. Colaborou também com capítulo especial no livro *História de Portugal*, em 1809. É patrono da cadeira de número 17, da Academia Brasileira de Letras.

Síntese. Intelectual, Hipólito da Costa foi considerado escritor, poeta, pianista, poliglota, cosmopolita, dramaturgo, especializado em economia política. Espalhou seus conhecimentos na física, na metalurgia, mineralogia, na zoologia e na botânica, assimilando novas ideias e propagando a independência do Brasil, preocupado com a formação libertária (BENTO, 2005, 1ª orelha e p. 2).

Atributos. Definido qual jornalista vigoroso e indomável, venerado pela antevisão da grandeza de sua Pátria, destacado na inteireza de educação e de caráter, foi ainda descrito um dos brasileiros mais cultos de seu tempo. Enciclopedista, apregoava, já à época, o bem comum, o fraternismo, a paz e a justiça (BENTO, 2005, p. 109, 117 e 155).

Aleia. Por representar uma personalidade que realizou algo pela Humanidade e pelo exemplarismo, manifestado pelo seu comportamento profissional e humano, Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça fará parte (Ano-base: 2014), na condição de Diplomata e Jornalista, da galeria chamada de Aleia dos Gênios da Humanidade, que conduz ao *Holotecarium* do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia, em Foz do Iguaçu, PR, onde já estão implantados mais de 100 bustos de personalidades mundiais.

Opinião. Sobre Hipólito da Costa, Afonso D'Escragnole Taunay (1843–1899), conhecido escritor brasileiro, registrou no livro *Grandes Vultos da Independência Brasileira*, (TAUNAY, 1992, p. 107):

Foi, incontestavelmente, um dos maiores vultos a quem o Brasil deveu a sua separação de Portugal e um dos maiores talentos do mundo lusitano do seu tempo. Venceu pela insistência com que pregava suas ideias. Quanto mais perseguido era, mais redobravam suas convicções e fazia crescer a estrutura de seus ideais.

II. MATERPENSENE UNIVERSALISTA

Cosmopolita. Classificado qual cosmopolita, brasileiro exilado que não esqueceu a pátria, Hipólito foi considerado igualmente auxiliar nas independências do Império Colonial Espanhol, pois teve contato tanto com Simón Bolívar (1783–1830), quanto com José Martí (1853–1895), líderes sul-americanos.

Cidadania. Tanto Dourado (1959) quanto Rizzini (1957), apresentam estudos biográficos restauradores do nome do jornalista brasileiro no cenário mundial. Ainda, Dourado registra que Hipólito da Costa não assumiu a cidadania inglesa, apenas prestou juramento de fidelidade ao Rei a fim de permanecer na Inglaterra.

Brasiliense. Hipólito fez a descoberta da brasilidade em estudos e anotações profundos sobre a raça brasileira, tanto assim que sugeria usar o nome de brasiliense, em vez de brasileiro ao habitante do Brasil. E brasileiro seria o indígena natural.

Repórter. “Ícone da imprensa brasileira, pioneiro na disseminação da palavra escrita, foi o repórter nacional, talvez o primeiro, exercendo um jornalismo militante, panfletário, porém, com tendência cronista” (WAINBERG, 2002, p. 453).

Dúvidas. Há algumas dúvidas sobre a servidão de Hipólito à Coroa Portuguesa. Ele recebeu, logo no início de sua carreira, missões diplomáticas da Coroa, e depois da independência, Dom Pedro I o nomeou agente diplomático do Brasil em Londres, mas ele não pôde exercer o cargo, pois desomou antes de ver livre o país para o qual trabalhou pela sua liberação da Coroa.

Desacordo. Inclusive, não há comprovação de que o Império adquiria exemplares do seu jornal para queimá-lo, e, assim, tirá-lo de circulação.

Acordo. Fontes, por exemplo, citadas em Gomes (2008) colocam que o jornalista americano Roderick J. Barman (S/D), afirma que Hipólito fez um acordo secreto, em 1812, com a Coroa Portuguesa para amenizar as críticas de seu jornal contra o Rei, recebendo uma pensão, ou acordo para compra de exemplares do *Correio Braziliense* (500), mas para esse fato não foi encontrada documentação comprobatória.

Venalidade. Não foi venal, pois precisava sobreviver e manter o jornal. Ali talvez tenha começado o patrocínio oficial. Mas Dom João VI (1767–1826), inclusive, encarregou a polícia, em 1812, “para agir com maior empenho e interesse em fazer o Correio mudar de linguagem, ou fazê-lo acabar, custasse o que custasse”, anotaram Sérgio Góis de Paula e Patrícia Souza Lira, citados no artigo *O Paradoxo da Liberdade* (COSTA, 2001, p. 149).

Liberdade. Hipólito, no entanto, defendia as ideias liberais e a liberdade de expressão. Segundo os biógrafos Rizzini e Dourado, e artigos de outros estudiosos, inicialmente o *Correio Braziliense* não aderiu à independência porque ele queria que o Reino ficasse aqui no Brasil. Por isso se dizia favorável ao Império, mas quando do retorno de Dom João VI a Portugal, em 1821, passou a defender a independência total do Brasil.

Materpensene. Hipólito praticou, segundo se depreende de suas atuações, o patriotismo imperial, tendo por sinalizador a liberdade de expressão, secundada pelo Universalismo, visto que atuou em vários países e tinha uma visão cosmológica.

III. CORREIO BRAZILIENSE

Jornal. O *Correio Braziliense*, para o embaixador de Portugal na Inglaterra, à época, Domingos de Souza Coutinho (1760–1833), era “uma terrível invenção de um jornal português em Inglaterra”, pedindo que Hipólito fosse expulso da Inglaterra, e queimados *todos os escritos do seu furioso e malvado autor* (Dourado, 1959, vol. I, p. 230), segundo José Tergarinha (S/D), no artigo *O Jornalismo em primeira emigração*, incluído na Coleção dos 30 volumes.

Edições. O *Correio Braziliense* teve 175 edições, mensais, de primeiro de junho de 1808 a dezembro de 1822. As matérias eram divididas em Política, Comércio e Arte, Literatura, Ciência e Miscelânea, nesta última seção Hipólito da Costa apresentava suas opiniões políticas.

Tempo. O jornal levava mais ou menos 40 dias para vir ao Brasil, de navio, onde era pleiteado pela Corte, sendo necessários mais 30 dias para coleta de material, que vinha de Portugal e de outros países, mas especialmente da Inglaterra. E ainda contribuía para a demora, a dificuldade de impressão, devido aos linotipistas ser de língua inglesa e o jornal, escrito em português. Por isso a existência dessa demora e a ocorrência de algumas falhas de ortografia no CB.

Legado. Hipólito legou um humanismo, patriotismo, sentido de educação, tino econômico, aperfeiçoado nos Estados Unidos, logo após ter se formado. Com o passar do tempo, foi propugnando pelo liberalismo, liberdade com ética, tornando-se cosmopolita, na palavra de Jacques Wainberg (COSTA, 2001, vol. I, p. 15). Outro jornalista, João Pedrosa Rosa (S/D), afirmou ser Hipólito da Costa um homem de pensamento e ação em *Jornalismo e Pensamento Político* (COSTA, 2001, vol. XXX, p. 271).

Intelectual. Segundo Alberto Dines, que foi o prefaciador da obra *fac-similar* de Hipólito da Costa, publicada pela Imprensa Oficial de São Paulo (COSTA, 2001, vol. XXX, p. 437), Hipólito da Costa foi intelectual de luzes, humanista, liberal e cosmopolita. Adotou um jornalismo analítico, interpretativo, investigador, pertinaz e eficaz a favor da liberdade de expressão.

Precursor. José Marques de Melo (1943–), estudioso do jornalismo, escreveu no livro *Hipólito da Costa, o precursor do jornalismo brasileiro*, classificando-o pioneiro do jornalismo científico no Brasil (MELO, 2001, p. 151 a 171).

Formação. “O Correio Braziliense foi peça fundamental e um poderoso instrumento para a formação intelectual das elites locais”, segundo Juan Manuel de Carvalho França, na obra *Construção de um Público* (COSTA, 2001. Vol. XXX, p. 601).

Universalismo. No *Correio Braziliense*, número 1, de 1º de junho de 1808, Hipólito assim define a orientação do jornal:

O primeiro dever do homem em sociedade é ser útil aos membros da mesma. Deve administrar em benefício da mesma seus conhecimentos ou talentos, que a natureza, a arte e a educação lhe prestaram. Antecipando-se a uma espécie de assistencialismo, com preponderância da educação.

1822. Após o retorno de D. João VI a Portugal em 1821, e no início de 1822, depois do dia do Fico (09 de janeiro de 1822), Hipólito, desiludido com as Cortes, proclamou a necessidade de D. Pedro declarar o Brasil livre do Império português, ou seja, a independência integral do Brasil.

Liberdade. Já nessa época dizia Hipólito da Costa que o *Correio Braziliense* era um “periódico que tem sempre advogado a liberdade compatível com o estado de sociedade, sem mais restrições: haja ou não haja Rei, mas seguindo um sistema coerente” (COSTA, 2001, ed. de setembro de 1822, vol. XXIX, p. 250).

Opinião. Como já descrito, o jornal tinha várias seções fixas, mas era na secção permanente denominada *Miscelânea*, onde ele registrava a própria opinião política sobre os vários assuntos da Corte, do Brasil e do mundo.

Política. Na edição de abril de 1822, página 318, Hipólito escreve:

é um vício dos novos políticos e de alguns velhos, que na política tudo lhe é permitido. Isto é um erro fatal. A política não é a arte de obrar contra a justiça, mas sim a ciência de conhecer quando convém usar dos direitos que se tem ou de se abster de os por em vigor.

Independência. Não foi só a vontade política de D. Pedro que promoveu a independência do Brasil, pois em vários estados brasileiros já se haviam instalado governos regionais. Houve pressões, a exemplo da ameaça de se pegar em armas contra Portugal, havendo até algumas sedições, mas, sobretudo, o jornal *Correio Braziliense* foi um dos artífices e alicerces da Independência.

Apreciações. A edição de janeiro de 1822, do periódico traz a declaração ou proclamação de sua Alteza Real, D. Pedro sobre o Brasil, e Hipólito faz na *Miscelânea* uma análise sobre o novo Império brasileiro, aprovando a sua *independência*. Escreve sobre o reconhecimento que devem as nações estrangeiras, das guerras, das invasões e da situação de Portugal, antes e em 1822, encerrando com a publicação do texto de uma nova Constituição para o Brasil, instituindo a forma de governo e a Assembleia Nacional Constituinte.

Extrapolação. Na edição de abril de 1822, Hipólito, faz uma análise política dos Estados nas Américas, demonstrando que ele tinha visão abrangente, além do território brasileiro, por isso é considerado cosmopolita e universalista.

Epílogo. Em dezembro de 1822, em sua última edição, Hipólito da Costa, depois de tomar conhecimento sobre a independência do Brasil, escreve, no *Correio Braziliense* que este periódico, destinado sempre a tratar dos negócios relativos ao Brasil, teria há alguns meses sido quase exclusivamente ocupados com os sucessos daquele país ou com os de Portugal, que lhe diziam respeito. Face aos acontecimentos últimos do Brasil faz-se desnecessário ao Redator recolher novidades estrangeiras para aquele país; quando há liberdade de imprensa nele e as muitas gazetas (jornais), que se publicam em suas próprias cidades, escusam este trabalho antes necessário.

Despedida. Eis suas palavras finais:

Deixará, pois, o *Correio Braziliense* de imprimir-se mensalmente, mas sim todas as vezes que se oferecer matéria, sobre que julgemos dar nossa opinião, a bem de nossa pátria e houver ocasião oportuna de fazer as remessas, pela incerteza dos paquetes e navios, inutilizando a pontualidade mensal de um periódico, cujo escopo é unicamente o Brasil. Ao final, assevera que poderia voltar, se necessário.

Dessoma. No ano seguinte, não podendo ver sua pátria livre nem gozar os benefícios que seu gesto lhe granjeou, pois fora nomeado agente diplomático do Brasil em Londres, pelo Imperador D. Pedro I, não pôde continuar a sua obra, pois, sentindo-se mal, dessorou em 11 de setembro de 1823, aos 49 anos, deixando um legado que a História está reconhecendo qual Herói Nacional, em ato governamental de 2010, da Presidência da República.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ousadia. Por meio da análise das pesquisas efetuadas e dados colhidos, Hipólito José da Costa teve destacada atuação na independência do Brasil, defendendo seus ideais libertários, mesmo com sacrifícios e dificuldades, desde 1808, ao ponto de não temer pela sua liberdade para a concretização de seus ideais, destacadas especialmente pelo biógrafo Rizzini.

Reconhecimento. Pelo conjunto de escritos, com a recuperação histórica do nome de Hipólito da Costa, ele foi inserido no rol das personalidades brasileiras de destaque, especialmente na área intelectual e no pioneirismo jornalístico nacional. O *Correio Braziliense*, criado em 1962 em Brasília, foi batizado com o nome do jornal de Hipólito.

REFERÊNCIAS

1. **Bento**, Cláudio Moreira; *Hipólito da Costa, o Gaúcho Fundador da Imprensa do Brasil*; 158 p.; 14 x 21 cm; enc.; *Gênesis*; Porto Alegre, RS; 2005; páginas 2, 109, 117 e 155.
2. **Costa**, Hipólito José da; *Correio Braziliense ou Armazém Literário*; Ed. Alberto Dines; Vol. I, XXIX e XXX; *Imprensa Oficial SP e Correio Braziliense*; Brasília, DF; 2001; Páginas 15, 250, 437 e 601.

-
3. **Idem; Paradoxo da Liberdade; Correio Braziliense;** Sergio Goes de Paula & Patrícia Souza Lima (org.); *Editora 34;* São Paulo, SP; 2001; página 149.
 4. **Dourado, Mecenas; Hipólito da Costa e o Correio Braziliense;** 642 p.; Vol. I; 14 x 21 x 7 cm; enc.; *Bibliex;* Rio de Janeiro, RJ; 1959; página 230.
 5. **Melo, José Marques de; Hipólito da Costa, o Precursor da Imprensa Brasileira;** in *Anuário de Jornalismo,* 292 p.; *Cáspes Libero,* SP, 2001; páginas 151 a 171.
 6. **Rizzini, Carlos; Hipólito da Costa e o Correio Braziliense;** 310 p.; 24 x 16 cm; enc.; *Cia Editora Nacional;* São Paulo, SP; 1957.
 7. **Taunay, Afonso de E.; Grandes Vultos da Independência Brasileira;** 230 p.; ilus.; retrs; color. ; 23 x 18 cm; *Editora Companhia Melhoramentos SP;* São Paulo, SP; 1922; página 107.
 8. **Wainberg, Jacques A.; As Várias Faces de Hipólito da Costa; Observatório da Imprensa;** Conteúdo Fac-similar do Correio Braziliense; *Imprensa Brasileira, 200 Anos;* 31 Vols.; 175 Edições; Alberto Dines (org.); São Paulo, SP; 2001 a 2003; página 453.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

1. **Gomes, Laurentino; 1808;** 416 p; 23 x 16 cm.; 13ª Ed.; *Planeta;* São Paulo, SP; 2008.

